

UMA JANELA PARA A LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA

Celso Sisto¹

Não vou entrar aqui naquela discussão, infrutífera, mas tão comum, se deveria existir ou não, uma divisão entre literatura e literatura infantil ou juvenil ou qualquer outro rótulo que se queira empregar para separar os segmentos literários. Literatura infantil é aquela que visa o leitor criança, e pronto! Mas também acredito que só merece ser chamada de literatura infantil, as obras que não se desviaram do caminho da arte, e conseguiram, aliar público leitor, forma e conteúdo, sem fazer concessão ao didático, ao utilitário e ao insuportável vício do ensinamento e do moralismo, que ainda cismam (alguns) em cobrar das obras destinadas ao leitor infantil! Portanto, nem todo livro pra criança é literatura infantil!

Considerando que o Brasil tem uma rica e diversificada produção editorial para crianças, também é bom prestar atenção ao quadro atual de vertentes, temas e autores. No panorama contemporâneo, há linhas bem nítidas e nomes que são também sinônimos de qualidade, criatividade, profissionalismo, pesquisa séria e garantia de uma leitura lúdica, principalmente.

Vale lembrar que para atingirmos o estágio atual de qualidade e crescente multiplicação de leitores, alguns fatores foram (e continuam sendo) importantes: o aumento da circulação de boas obras, o surgimento de novas editoras e distribuidoras, a credibilidade de alguns prêmios existentes no país, (responsáveis pela divulgação de obras e autores recomendáveis, especialmente os prêmios da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil e o prêmio Jabuti), a democratização dos programas de leituras espalhados pelo país, a preocupação com a formação do leitor como parte integrante da formação da

¹ Celso Sisto é escritor, ilustrador, contador de histórias do grupo Morandubeté (RJ), ator, arte-educador, especialista em literatura infantil e juvenil, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Doutorando em Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) e responsável pela formação de inúmeros grupos de contadores de histórias espalhados pelo país. Tem 36 livros publicados para crianças e jovens e recebeu os prêmios de autor revelação do ano de 1994 (com o livro *Ver-de-ver-meu-pai*, Editora Nova Fronteira) e ilustrador revelação do ano de 1999 (com o livro *Francisco Gabiroba Tabajara Tupã*, da editora EDC); ambos concedidos pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ). Vários dos seus livros também receberam o selo Altamente Recomendável, desta mesma Fundação.

cidadania, o aumento do número de bibliotecas no país e o incremento de pesquisas acadêmicas na área da literatura infantil. Mas ainda faltam outras tantas, bem sabemos, especialmente, ações que criem e garantam espaços permanentes para a crítica aprofundada das obras literárias infantis, nas diversas mídias, e que vá além das resenhas de divulgação espalhadas pelo marketing e pelos departamentos de divulgação das editoras.

Para pensarmos o quadro atual de obras e autores, podemos falar em basicamente seis linhas de trabalho, nas quais estas obras se inserem: 1. uma linha inventiva, fantasista, que está preocupada com uma maneira nova e original de escrever histórias para as crianças, seja pela forma, seja pelo tema, mas principalmente, pela linguagem adotada. 2. uma linha que vai buscar na cultura popular os elementos para as suas obras. 3. uma linha que está preocupada em explorar a linguagem poética. 4. uma linha que está preocupada com as intertextualidades (e que dialoga com outras obras e autores) e que aposta na desconstrução dos clássicos, seja pela paródia, pelo humor, pela atualização dos enredos. 5. uma linha com clara preocupação social (em geral, mais realista, construída em torno de temas mais urbanos, novos modelos familiares, crianças independentes e com vozes, crítica ao modelo tradicional escolar, etc.) 6. uma linha informativa (que produz biografias, livros mais de aquisição de conhecimento, feitos à altura do leitor criança, às vezes com linguagem também poética, mas sempre lúdicos). Nada disso pode ser visto de forma estanque e rígida. Essas linhas se interpenetram, se mesclam, se misturam! Note que estamos falando apenas de narrativas e de literatura infantil.

Para cada uma destas vertentes, há autores em destaque (mesmo correndo o risco de esquecer alguém...). Na vertente “inventiva”, preste atenção nas obras de Rosa Amanda Strausz, Eva Furnari, Léo Cunha, Odilon Moraes, Marcio Vassalo, Adriana Falcão. Na vertente da “cultura popular”, preste atenção em Roger Mello, Daniel Munduruku, Carolina Cunha, Reginaldo Prandi, Fernando Vilela, Fátima Miguez, André Neves. Na vertente “poética” procure conhecer a obra de Stela Maris Resende e Graziela Bozano Hetzel. Na vertente que “retrabalha os clássicos”, veja a produção de Paula Mastroberti. Na vertente de “cunho mais social”, preste atenção em Lia Zatz, Nilma Gonçalves Lacerda, Gabriel, o pensador. E por fim, na linha da literatura informativa, preste atenção em Lúcia Fidalgo e Kátia Canton. Esses nomes são mais do que suficientes para que possamos ter uma boa

idéia da produção contemporânea. E claro, não esgotam o que de muito bom tem-se feito nesta área.

Não podemos esquecer que a literatura infantil atual vem sinalizando algumas mudanças importantes, como o aparecimento de novos gêneros (a crônica para crianças é um belo exemplo, sobretudo nos textos de Gilberto Dimenstein e Fernando Bonassi); o espaço cada vez maior para a poesia destinada ao leitor criança; a exploração, cada vez maior, nas obras, dos novos papéis sociais, novas famílias e novos temas urbanos. Por outro lado, há também a permanência de elementos fundamentais, como o lugar garantido para o humor, a manutenção de uma escrita baseada na oralidade, a exploração das intertextualidades. A grande novidade do mercado editorial tem sido a busca frenética das editoras por textos que contemplem o pequeno leitor.

Mas ainda que esse panorama provoque um grande alento e um enorme estímulo, ainda somos todos tributários dos “modelos” instaurados lá nos anos 70 e 80 por Ruth Rocha, Ana Maria Machado, Sylvia Orthof, Lygia Bojunga, Ziraldo, Angela Lago, Ricardo Azevedo, Elias José, Rogério Andrade Barbosa, Joel Rufino dos Santos, Tatiana Belinky, Marcelo Xavier, Marina Colasanti, Bartolomeu Campos Queirós, Pedro Bandeira – que de algum modo são ainda os responsáveis pela “grande virada” na literatura infantil brasileira.

E para finalizarmos esse panorama, vale a pena lembrar que a literatura infantil continua tendo que lidar com problemas como: a divisão por faixa etária nos catálogos das editoras, o difícil acesso às obras das editoras de médio e pequeno porte; a pouca abertura para a publicação dos novíssimos autores e ilustradores, a falta de continuidade da leitura além do âmbito escolar, a dificuldade em se afastar, principalmente, do utilitarismo e do “pedagogismo”, o excesso de traduções derramadas no mercado editorial por conta do “barateamento” da produção, a falta de espaço na mídia para a crítica literária, o preconceito em relação ao livro de imagem ou livro sem texto, e a quase inexistência de publicações de literatura dramática. Problemas que merecem toda a nossa atenção (e a de quem possa ajudar a pensar em saídas e soluções!).

E num último desejo de partilha, fica aqui a indicação de obras imperdíveis, para quem quer começar a se aventurar nos caminhos modernos dessa literatura infantil brasileira: Uma idéia toda azul, Doze reis e a moça no labirinto do vento (de Marina Colasanti); Tchau, Meu amigo, o pintor, A casa da madrinha (de Lygia Bojunga); Menina bonita do

laço de fita, História meio ao contrário, Bisa Bia, Bisabel, De olho nas penas (de Ana Maria Machado); Tampinha, Sua alteza, a Divinha, De morte (de Angela Lago); Classificados poéticos, Jardins, Receitas de olhar, Retratos (de Roseana Murray); Meninos do mangue (de Roger Mello); Marcelo, marmelo, martelo, Historinhas malcriadas (de Ruth Rocha); O coração de Corali (de Eliane Ganem); Os bichos que tive, A viagem de um barquinho, Galo, galo não me calo, Chora não! (de Sylvia Orthof); O menino maluquinho, O menino quadrado, A professora maluquina, Vitor Grandam (de Ziraldo); Tigres no quintal (de Sérgio Capparelli); Ciganos, Mário, Pedro, Indez, Correspondência (de Bartolomeu Campos Queirós); Vera Mentirosa, O último dia de brincar (de Stela Maris Rezende); Feito à mão (de Nilma Gonçalves Lacerda). Depois da leitura dessas obras, ninguém será o mesmo!